

FIGUEIREDO, ESSE MAL JULGADO

ANTENOR NASCENTES

Professor emérito do Colégio Pedro II

A língua portuguesa conta com três dicionários: o de Moraes, o de Aulete-Santos Valente e o de Candido de Figueiredo.

O de Moraes, parado em 1813 na segunda edição em vida do autor (falecido em 1824), para as usanças clássicas é, na frase de Camilo Castelo Branco, o melhor guia.

Basta a data para mostrar que todas as palavras que o progresso introduziu durante o século XIX, não podem deixar de estar ausentes.

Assim mesmo, constitui, como disse Leite de Vasconcelos, instrumento imprescindível a quem quiser saber a língua e escrevê-la com acerto.

O de Aulete-Santos Valente prima pelas definições, o que é capital num dicionário.

Noventa vezes sobre cem, procura-se um dicionário para saber-se o significado de uma palavra.

Traz pronúncia figurada, por mau processo, não há dúvida, mas traz.

Apresenta uma fraseologia riquíssima, coisa que nenhum outro dicionário faz.

Abona muito, embora dê só o exemplo, sem indicar precisamente a fonte. Na parte etimológica fraqueja, mas, como obra humana, havia de ter seu ponto fraco.

O de Figueiredo tem boas definições, nem sempre figura a pronúncia, traz pouca fraseologia, abona seus relativamente poucos exemplos indicando a fonte, claudica muito na parte etimológica.

Entretanto, com todos estes defeitos e mais alguns que seria ocioso apresentar, é o dicionário por excelência da língua portuguesa.

Quando se fala em dicionário da língua portuguesa, cita-se logo Figueiredo.

Porquê?

Por varios motivos, alguns até extrafilológicos.

É o mais copioso dicionário da língua portuguesa.

Quem precisa saber o significado de uma palavra, tem certeza de encontrá-la nele.

É isto o que o consulente médio quer. Importa-se pouco com a exatidão da explicação. Contenta-se com ter encontrado. Em Moraes não encontra, em Aulete tão pouco, mas em Figueiredo encontra.

Está satisfeito!

Vejamos o principal dos motivos extrafilológicos.

O dicionário que substituiu o de Moraes, o de Aulete-Santos Valente, saiu em 1881.

Só teve a segunda, revista por Silva Bastos, em 1925.

Por conseguinte, levou quarenta e quatro anos sem competidor.

Neste intervalo sai o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** de Figueiredo (1899).

Se, quando se esgotou a primeira edição do dicionário de Aulete, a empresa dona dos direitos autorais tivesse feito o que fez em 1925 e repetiu, recentemente, encarregando Vasco Margarida Botelho de Amaral, Jorge Guimarães Daupias de pôr a obra em dia apresentando abonações precisas, o dicionário de Candido de Figueiredo, que não se recomendava por suas boas qualidades, não teria conseguido o impulso que conseguiu.

Ficou sozinho em campo e tomou conta dela.

Para atender aos leitores que dispunham de poucos recursos, fez Figueiredo o **Pequeno Dicionário**, que saiu em 1924, o que ajudou muito a difusão do grande.

Assim se explica que um dicionario de menos valor do que o de Aulete se tornasse o nosso lexico mais procurado.

As opiniões sobre o valor de Figueiredo como filologo vão desde os sumos elogios aos insultos mais brutais.

Nem tanto ao mar nem tanto a terra.

Figueiredo era um burocrata.

Não digo isto para diminui-lo; digo apenas para mostrar que em toda sua obra se encontra esse espirito de rotina, de obediencia a regulamentos tão comum nos burocratas.

Se os gramaticos já têm este espirito, imagine-se agora um gramatico **doublé** de um burocrata!

Figueiredo não teve estudos universitarios de filologia. Foi um autodidata.

Tambem esta afirmação não é para diminui-lo. Pode-se ser um autodidata e entretanto possuir boa cultura filologica. Ai está o exemplo de Leite de Vasconcelos. Figueiredo porém, foi um autodidata mal orientado e por isso falhou no terreno da filologia.

Que é que se poderia esperar de um gramatico turrão, rotineiro, sem cultura universitaria?

O que ele fez.

Meter-se dentro dos estreitos conceitos do certo e do errado, ensinar toda a gente a não se afastar dos cânones impostos por ele e agarrar uma palmatoria para dar bolo nos recalitrantes.

Aí estão as **Lições praticas, O que se não deve dizer, a Colocação dos pronomes** e tantas outras obras, escritas com este espirito.

Rui Barbosa disse dele na **Replica**, n.º 244: o Sr. Candido de Figueiredo, incontestavelmente (repare-se no advérbio) a maior das nossas competências atuais em materia de lexicografia portuguesa.

O elogio calou tão bem no animo do autor que a frase de Rui Barbosa aparece transcrita na folha de rosto do **Novo Dicionario**.

Em compensação, se Rui fazia de Figueiredo esse conceito, de Rui muita gente discordou.

Leite de Vasconcelos, com grande rudeza, nos dois opusculos, **As Lições de Linguagem do Sr. Candido de Figueiredo** e **O gralho depenado**, mostrou à saciedade os pontos fracos da cultura de Figueiredo.

No Brasil fizeram o mesmo, entre outros, Mario Barreto, Heraclito Graça, Afonso d'Escragnolle Taunay, Ramiz Galvão.

Mario Barreto estreou nas letras filológicas com os **Estudos da Lingua portuguesa**, onde quase não faz outra coisa senão apontar os deslises de Candido.

Repetiu o que fez Alencar com Magalhães e o que Nabuco fez com o proprio Alencar. Moço atacando velho, processo muito comum de aparecer.

Graça, com luva de pelica, põe a nu nos **Fatos da Linguagem** os muitos desacertos que encontrou em Figueiredo.

Taunay, na serie de obras que escreveu sobre lexicografia, **Coletanea de falhas, Inopia científica e vocabular dos grandes dicionarios portugueses, Insuficiencia e deficiencia dos grandes dicionarios portugueses, Lexico de lacunas, Lexico dos termos tecnicos ainda não apontados nos dicionarios da lingua portuguesa, A terminologia zoologica e scientifica em geral e a deficiencia dos grandes dicionarios portugueses, Vocabulario de Omissões.**

Nelas não perdeu ocasião de patentear, com certa dureza, às vezes, as falhas de Figueiredo.

Já Ramiz Galvão foi mais piedoso.

No **Vocabulario etimologico, ortografico e prosodico das palavras portuguesas derivadas da lingua grega**, pg. XIII, estranhou a hesitação do "douto" Sr. Candido de Figueiredo, sem usar de palavra que de longe o pudesse magoar.

Clovis Monteiro, na sua Nova Antologia Brasileira, foi justo.

Sem tocar aliás, no valôr de Figueiredo, diz que Figueiredo exerceu em nosso país influencia assaz benefica, por isso que suas obras lograram pelo menos (repare-se nesse **pelo menos**), despertar em muitos jovens (creio que ele foi um desses) o gosto dos estudos linguisticos e o interesse de conhecer e seguir os bons modelos de vernaculidade.

Não quero dizer, com a minha defesa de Figueiredo, que o seu dicionário seja um guia absolutamente seguro, como são o Larousse, o Dicionario da Real Academia e tantos outros.

Não é.

Apresenta mesmo muitas falhas.

Uma delas é o celebre **refualar**:

REFUALAR, v. i. **Ant.** Resvalar?: "... dando no aço liso, refualou o ferro da lança". **Palmeirim**, III, 289.

Figueiredo confundiu o antigo **s** comprido com **f** e não viu que o **u** estava empregado por **v**. Todavia acertou dando a interpretação certa de **resvalar**, embora pusesse ponto de interrogação.

Outro caso é o do carrapato.

Figueiredo apresentou o carrapato como crustaceo, quando devia tê-lo apresentado como aracnideo.

Esse caso do carrapato é um dos tantos curiosos da zoologia.

Quem não se mostrará incredulo quando alguém lhe disser que o beija-flor não é um passaro? Não é. Dizem-no os zoólogos, explicando porquê. É o menor representante de toda a classe das aves, ensina Rodolfo von Ihering.

Não admira pois, o engano de Figueiredo.

Seu dicionario contém arcaismos, neologismos, provincialismos, brasileirismos.

Que outro dicionario continha tais vocabulos na sua epoca?

Nenhum. Faltam muitos arcaismos. Faltam. Deviamos ter um dicionario especial de arcaismos, mas não temos. Enquanto isso, vamos usando o **N. D.**

Faltam muitos neologismos. Faltam. Todo dia se criam novas palavras. Como não faltarão os neologismos?

Os brasileirismos nem sempre vêm bem explicados. Já é muito virem. Explique melhor quem vive no Brasil.

O certo é que os grandes mestres estrangeiros fora de Portugal vão buscar em Figueiredo as informações de que precisam quanto a provincialismos, brasileirismos, etc. Assim o fazem Max Leopold Wagner, Joseph Piel, Harri Meier e outros.

Devemos ler os maus livros, disse-me uma vez Harri Meier, porque neles encontramos informações que não se acham nos bons.